

Entrevista com Maria Luísa Brandão, 14/03/2018

Local da entrevista: Sua residência em Rua Joaquim Tenório.

Entrevistadores: Leandro Dittz, Luciane Chagas Brasil e Mauro Amoroso

Vídeo e áudio: a confirmar os nomes

Leandro Dittz: Bom, vou filmar então, hein!

Luciane Chagas Brasil: Áudio ok, câmera 1 ok, câmera 2 ok. Deixa eu dar um estalo aqui.
(palma) Gravando!

Mauro Amoroso: Então, Maria Luiza. Tudo bom com a senhora?

Maria Luísa Brandão: Tudo bem!

MA: É, é... Lembra um pouquinho do nosso último papo, já tem um tempo, não é?

MLB: Bastante, não é?

MA: Tem bastante!!

MLB: Tem bastante!! (risos)

MA: Mas eu lembro da senhora falando que veio lá de Belo Horizonte...

MLB: Exatamente! Eu sou mineira.

MA: Isso aí! Mineira! Bem novinha, não é? Veio quantos anos mesmo?

MLB: Com 17.

MA: Com 17 é uma criança quase...

MLB: (risos) Quase, não é? E vim sozinha, hein!

MA: E veio sozinha. Isso que eu quero saber.

MLB: Sozinha nesse mundo de Deus!! (fala ao mesmo tempo)

MA: A senhora já estava com duas irmãs aqui, não é?

MLB: Duas irmãs e uma tia.

MA: Duas irmãs e uma tia!

MLB: Cheguei na Central e não achei ninguém.

MA: Como é que a senhora veio pra cá?

MLB: Eu vim de trem. (risos)

Mauro Amoroso: Veio de trem??

MLB: Porque antigamente não tinha ônibus, era trem.

MA: Pegava lá em Belo Horizonte?

MLB: Exatamente! Aí “saltei”...

MA: Mas a senhora já estava combinada pra vim pra cá? Já tinha combinado...

MLB: Estava combinado, mas ninguém recebeu a comunicação. A comunicação antigamente era difícil.

MA: Mas quem é que falou “vem pra cá”? (fala ao mesmo tempo)

MLB: Foi minhas irmãs, porque a gente era muito pobre. Nós éramos 8 irmãos, entendeu? E meu pai faleceu e ficamos numa situação bastante difícil. Então começamos a nos movimentar pra melhorar de vida!

MA: Claro.

MLB: Então minhas duas irmãs eram mais velhas do que eu, vieram, não é? Então, como se deram bem, perguntou se eu queria vir também. Eu falei: “Claro, pra melhorar de vida a gente vai a qualquer lugar”.

MA: Elas ficaram quanto tempo aqui no Rio até te chamar?

MLB: Ah, elas ficaram aqui uns 3 anos.

MA: 3 anos?!

MLB: Isso! Aí quando viu que nós estávamos bem e tudo, perguntou se eu queria vir...

MA: Mas o que a senhora chama de estar bem? O que elas conseguiram aqui?

MLB: Não, elas conseguiram um trabalho melhor, um salário melhor.

MA: Qual trabalho?

MLB: É... Trabalho de doméstica.

MA: Uhum...

MLB: Entendeu? Então, lá nós não tínhamos assim... Muita opção de trabalho, não é? Sabe como é a vida no interior, é muito difícil. Então a gente procurou dar uma vida melhor pra minha mãe, entendeu? A gente não tinha uma casa própria, viemos pra cá, conseguimos comprar um terreno lá, fazer a casa pra ela, pras outras crianças, entendeu? E fomos nos organizando. Graças a Deus nos demos muito bem, não é? Minha mãe ficou ótima com as outras crianças menores e sempre que podia a gente fazia uma visita, dava uma forcinha maior, porque aqui graças a Deus encontramos gente do bem e hoje é muito difícil, não é?

MA: Uhum...

MLB: Mas tinha gente muito bacana, do bem mesmo, que ajudava. Ajudava com roupa, com dinheiro, com passagem, dava tempo pra gente visitar... Então isso era uma coisa ótima.

MA: E essas pessoas do bem eram amigas que vocês fizeram aqui, gente que você conheceu de lá?

MLB: Não! (fala ao mesmo tempo) Não, era gente daqui. Era patroa, era colegas que a gente conseguiu, conquistou aqui também. Então era uma coisa assim, era uma vida muito sofrida e

legal. (risos) Ao mesmo tempo, não é? Porque a gente se sentia bem com as amizades que tinha, entendeu? Que a gente conquistava também, não é? Porque a gente sempre quer o melhor.

MA: (risos) (fala ao mesmo tempo) E deixa eu te perguntar... A senhora tinha... Quando as suas irmãs estavam aqui, a senhora já tinha curiosidade de vim pro Rio?

MLB: Não.

MA: Nenhuma?

MLB: Nenhuma! Eu vim do nada. (risos).

MA: Elas tiveram que chamar a senhora quantas vezes até a senhora vir?

MLB: Ahhh, várias vezes, tentando me subornar, como se fala, não é? (risos)

MA: Subornar?? O que elas ofereciam?

MLB: Hein?

MA: O que elas ofereciam pra senhora?

MLB: Ah, elas ofereciam que aqui era maravilhoso, que aqui era isso, que era aquilo. Que eu ficava lá no meio do mato, entendeu? Que lá não tinha nada, mas tinha coisas boas, não é?

MA: Uhum... (fala ao mesmo tempo)

MLB: E a gente sente coisas boas quando a gente se sente bem, não é? Eu tinha muitas pessoas amigas. Sempre trabalhei tomando conta de criança que eu adoro criança, entendeu?

MA: Uhum... (fala ao mesmo tempo)

MLB: Então eu sempre conquistava as pessoas com as crianças...

MA: Tá, mas deixa eu perguntar... Elas tentaram subornar a senhora durante quanto tempo até a senhora vir?

MLB: Ah, foi mais ou menos um ano.

MA: Ficaram um ano subornando a senhora?! (risos)

MLB: (risos)

MA: Como é que foi isso do nada que a senhora resolveu ir? O que acendeu a senhora, “a luzinha”, pra senhora ir? [estalo de dedos]

MLB: Ah, eu pensei bem e falei: “Bom, se eu for pra lá, eu vou ter uma garantia melhor de vida e posso ajudar melhor a minha mãe.” Porque minha mãe era tudo pra mim, entendeu? E ela lavava roupa pra fora, uma vida sofrida, muito desgaste, entendeu? A gente via o sofrimento dela, e, então a gente queria o melhor.

MA: Sim... (fala ao mesmo tempo)

MLB: Aí eu vim pra cá e conquistei, graças a Deus, boas amizades, bons trabalhos, ficava cinco, seis anos numa casa trabalhando, entendeu?

MA: Uhum... (fala ao mesmo tempo)

MLB: Quando saía, saía por uma melhor. Pra mim, não pra eles, pra mim era o melhor. Mas às vezes nem queriam que eu saísse, não é?

MA: A sua mãe deixava vocês irem ir de boa, ou ela tentava segurar?

MLB: Não, ela deixou de boa, porque ela viu a necessidade e viu a melhora de vida que teve, não é?

MA: Entendi... (fala ao mesmo tempo) E como é que foi a passagem de trem? A senhora comprou, compraram pra senhora?

MLB: Eu comprei.

MA: A senhora comprou com o seu dinheiro daqui?

MLB: Exatamente! Não, de lá, não é? Eu trabalhava lá, aí juntei o dinheiro pra poder vir.

MA: Ah, sim, sim. Claro!

MLB: Certo? (fala inaudível) Não tive ajuda de ninguém.

MA: A senhora juntou o dinheiro...

MLB: Exatamente! A gente sabia como a passagem era cara e não era ao mesmo tempo, não é?

MA: Uhum... (fala ao mesmo tempo)

MLB: Então eu consegui quando eu cheguei na Central, aí no trem eu fiz amizade com uma senhora...

MA: Hum...

MLB: Aí conversando e tal, ela disse: “A senhora, você vai pra lá sozinha?” Daí eu falei: “E Deus, porque eu não ando só”. A minha companhia é Deus, que toda vida desde criança eu fui muito apegada à igreja, entendeu? Então eu confio muito no Deus, porque Ele é tudo, certo? Até hoje esse pessoal: “Que Deus é esse que tu tem?”

MA: Hum...

MLB: Eu falei: “Eu tenho não! Todos tem, agora... Todos tem que buscar.” Certo? Que se viver sem ele, não dá!

MA: Tá. E junto com a senhora, tinha outros amigos, amigas de lá que também estavam vindo pra cá?

MLB: Não.

MA: Ninguém conversava? Nenhum vizinho?

MLB: Só... Não, não, não, porque ninguém conhecia o Rio de Janeiro. Era uma...pra gente era um outro mundo lá, você entendeu? Então eles falavam: “Vocês são loucas de ir pra um lugar tão longe, não conhecem ninguém, vai do nada?” Mas tem que tentar...

MA: Suas amigas falavam isso pra senhora? “Você é louca?”

MLB: Falavam. (fala ao mesmo tempo) É, eu era louca.

MA: Miga, sua loca!!

MLB: E até hoje eu sou louca, tá?

MA: (risos)

MLB: (risos) Que eu faço muita coisa aqui que eu acho que até Deus duvida do que tô fazendo. Mas eu acho importante a gente conquistar as coisas, você entendeu?

MA: Claro!

MLB: Eu aqui, por exemplo, aqui eu faço muita coisa pras pessoas humildes, entendeu? Porque eu sou, então eu acho que a minha obrigação como uma serva de Deus é ajudar as pessoas que tem necessidade. Trabalho em comunidade, entendeu? Na comunidade tem opção pra trabalho pra ajudar as pessoas carentes, então a gente faz o que pode.

MA: Uhum...tá. E como é que foi essa chegada da senhora na Central? O que que a senhora lembra?

MLB: Eu me lembro...

MA: A senhora tinha mandado uma carta para as suas irmãs, dizendo: “Óh, tô chegando dia tal...” (fala ao mesmo tempo)

MLB: Estou chegando dia tal, entendeu? E...Esperei, não deram resposta, mas aí eu tinha um tio que me levou na Central, na estação, me botou dentro do trem e falou: “Cuidado!” Aí eu encontrei essa senhora, como eu disse, não é? Uma senhora muito bacana, aí sentei ao lado dela, não é? Aí ela começou a conversar comigo e tudo, eu expliquei toda a minha situação. Aí ela disse: “Vou te ajudar.” Eu falei: “Mas a senhora vai me ajudar como?” Ela falou assim: “Se não tiver ninguém aguardando você, eu te levo pra minha casa.” É um risco, não é?! Mas antigamente não era risco, meu querido. As pessoas eram humanas.

MA: Uhum... (fala ao mesmo tempo)

MLB: Não tinha maldade, era um tempo muito bom, entendeu? Aí eu falei: “Tudo bem.” Chegamos a ir, procuramos pra ver se tinha ou minhas irmãs ou minha tia, não tinha ninguém na Central. Aí eu falei: “Olha, não tem ninguém.” Ela: “Então vamos apanhar um taxi, vamos passar primeiro no endereço da tua tia ver se a gente encontra alguém. Se eu não encontrar alguém, você vai pra minha casa, porque eu moro perto de onde tua tia trabalha.”

MA: E aí?

MLB: Eu falei: “Tudo bem.” Aí quando chegamos, minha tia tava chegando da rua com minha prima. Aí de longe eu já conheci, não é? Eu falei: “Óh, elas ali na rua.” Ia pedir um taxi, não é...pra dar uma buzinação, elas olharam, aí chamou, elas se aproximou, aí falou: “É minha sobrinha.” E eu falei: “Ela é a minha tia.” Aí agradei muito à senhora, minha tia e ela ficaram até amigas depois...

MA: Uhum...

MLB: Aí eu já comecei a trabalhar.

MA: E essa senhora era da onde?

MLB: Quem? Era daqui do Rio.

MA: Sim, mas ela era o que?

MLB: Praticamente eu não tive muito contato com ela mais, não é?

MA: Sim...

MLB: Ela era moradora lá de Ipanema.

MA: Uhum...

MLB: Ela morava num apartamento e tudo, depois fomos na casa dela, mas depois eu trabalhando eu perdi o contato com essa senhora. Só minha tia que tinha o contato.

MA: Tinha quantos anos que a senhora não via sua tia?

MLB: Ahh, tinha uns cinco anos ou mais!

MA: Entendi. Caramba!

MLB: (risos)

MA: É, se a senhora tava com 17, (trecho de fala inaudível) a senhora tava com 12, não é? (final de fala inaudível)

MLB: Exatamente! (fala ao mesmo tempo) Então nunca mais vi, porque quando a pessoa sai fora assim, às vezes é difícil a comunicação, de encontrar, ela tinha duas filhas também e não podia estar viajando. Então era bem difícil a vida.

MA: E aí a senhora chegou e ficou na casa da sua tia quanto tempo até o primeiro emprego?

MLB: Não, não! O meu primeiro emprego já tava pronto. (risos)

MA: Já tava pronto?!

MLB: (risos)

MA: Só esperando!

MLB: Só esperando! Porque o pessoal é o seguinte, que eles preferiam pessoas de fora, entendeu? Porque era um pessoal mais bobo, a gente diz, não é? Não tem muita maldade, não

é? Porque a gente era muito simples, tinha maldade com nada. Então elas preferem pessoa assim que aí é criança ainda, praticamente criança, não é? Então vai se adaptar ao jeito da casa. Nessa casa eu fiquei cinco anos.

MA: Era uma casa de uma família de alemães? Eram esses?

MLB: Era muito legal eles, eram brasileiros eles.

MA: Eram brasileiros eles...

MLB: É. Era brasileiro.

MA: Tudo em Ipanema?

MLB: É, tudo em Ipanema. Pertinho assim... Comunicação, tudo durante o dia e tal, se comunicava, via o que tava certo e o que não tava, entendeu? E depois eu fui crescendo mais, tomando mais noção das coisas, aí eu comecei a mudar, mas eu preferia mais ser babá.

MA: Entendi.

MLB: Entendeu?

MA: Deixa eu te perguntar... A senhora como mineira, como é que o carioca tratava os mineiros aqui quando a senhora chegou?

MLB: Muito bem.

MA: Tratava bem?

MLB: Tratava bem!

MA: Não faziam piadinha com a senhora não?

MLB: Não, não, não! A gente falava "o trem", aquelas coisas todas...

MA: Uhum... (fala ao mesmo tempo)

MLB: Mas graças a Deus eu nunca encontrei ninguém que... (fala interrompida)

MA: Que teve algum preconceito...

MLB: Não, não, não! A gente falava mal, não é?

MA: Uhum...

MLB: Não sabia se expressar direito e tudo, mas a gente vai aprendendo.

MA: Entendi. E algum outro tipo de preconceito, a senhora sofria?

MLB: Eu não!

MA: Uhum...

MLB: Nunca sofri preconceito em lugar nenhum, lidava com muita gente grande mesmo, embaixador, assim... De advogado, entendeu? Pessoas assim...eu procurava trabalhar sempre com pessoas mais...assim mais...vivência, entendeu?

MA: Entendi.

MLB: É, porque pra trabalhar pra tomar conta de uma criança, de uma pessoa tem que ter responsabilidade, certo? Uma vez eu discuti com um advogado por causa da filha dele porque eu trabalhava em Copacabana e tomava conta de três crianças. Então, na hora de atravessar a rua eu dava a mão o menor, dava o braço à menina que era a do meio e o menino maior eu falava: “Dá a mão pra ela e não solta, porque nós vamos atravessar uma rua e então não sabe o que vem.” Criança é criança, não é? Ali em Copacabana sabe como é que é, ali na praça do Lido. Você conhece, o Lido?

MA: Sim.

MLB: Ali em Copacabana. Eu trabalhava ali na Avenida Atlântica.

MA: Hum...

MLB: Então eu saía com essas crianças pra tudo o que era lugar, mas de bonde, entendeu? Saía “apanhando” condução com eles, então eu tinha que ter muito cuidado. Quando foi um dia de atravessar a rua, a menina se soltou e correu.

MA: Uhum.

MLB: Aí eu não falei nada, não briguei com a criança, porque com criança não se discute, não é? Aí ela quando voltou, ela já voltou sem gracinha, abraçou comigo e tal. Eu quietinha não falei nada subindo, quando subimos eu disse: “Vai pro quarto!” –

MA: Uhum.

MLB: “Ah, porquê, babá?” Eu falei: “Vai pro quarto, não tem um porquê. Fica quietinha lá, hoje você não sai mais do quarto, nem pra jantar, levo o jantar teu no quarto. Não vai cumprimentar teu pai e nem tua mãe, se eles quiserem, eles vão lá em você.”

MA: Uhum.

MLB: Quando chegou eu vi os dois meninos, aí o Dr. Queria saber: “Cadê a Sofia?”. Eu falei: “Tá de castigo” - Aí ele falou: “Quem botou??” - “Eu!”

MA: [riso]

MLB: “Você não pode botar minha filha de castigo.” - “Primeiro o senhor tem que saber o motivo, o porquê que eu botei ela de castigo, eu não falei nada com ela, eu não briguei com ela, tá o menino grande aí de prova o que eu fiz isso com tua filha, porque ela tem que me respeitar, sabe por quê? Porque se ela é atropelada, eu ia fazer o que? O senhor é um advogado.” Que eu toda vida fui assim.

MA: Uhum...

MLB: Meio autoritária, não é?

MA: [riso]

MLB: Não é autoritária no sentido da palavra, não é?

MA: Sim.

MLB: É pro certo. Então eu discuti nesse sentido. Eu falei: “O senhor é advogado, eu não sou nada. Se a sua filha é atropelada, se acontece um acidente com ela... O senhor ia fazer o que? Ia me condenar!”

MA: Claro...

MLB: Então antes de eu ser condenada, eu faço o certo.

MA: Mas ele aceitou numa boa depois que a senhora disse isso?

MLB: Ah, ele depois me pediu desculpa.

MA: Uhum.

MLB: Aí eu falei: “Aí tá tudo certo, porque se eu tenho uma responsabilidade, eu assumo a minha responsabilidade, Dr. Então o senhor não pode refletir no meu trabalho, só se eu estiver errada, nós não estando errada não temos o que discutir”.

MA: Depois a senhora manteve contato com algumas das crianças que você criou?

MLB: Ah, mantive. Elas sempre me procuravam.

MA: É?

MLB: É, fiquei amiga e tudo...

MA: Uhum...

MLB: Mas depois que eu saí de lá, aí eu comecei a me afastar, porque eu achei difícil, sabe?

MA: Uhum...

MLB: O menino já tinha 10 anos, a menina tava com 7, o outro tava com 4 e veio mais duas gêmeas...

MA: Uhum...

MLB: Quando as gêmeas chegaram eu saí fora.

MA: Entendi. Agora deixa eu perguntar também... É... A senhora tava aqui no Rio com suas irmãs e sua tia...

MLB: Isso!

MA: As pessoas de Belo Horizonte procuravam vocês pra pedir uma ajuda pra vir pra cá também, pra saber como era?

MLB: Não!

MA: Não, não é?

MLB: Não.

MA: Não teve contato?

MLB: Não. Na verdade, muita gente não pode aventurar, não é?

MA: Claro.

MLB: Pra fazer isso, não é? Só se fosse parente.

MA: Então basicamente ficou essa coisa de família, não é?

MLB: Ficou. Ficou só a família, só a família. (fala ao mesmo tempo)

MA: (fala inaudível) Tá. Entendi. Aí depois que a senhora... Eu lembro da senhora falando, não é...que depois a senhora conheceu o seu marido na Quinta da Boa Vista que a senhora gostava de passear lá.

MLB: Isso. (risos) Mauro **MA:**

Não foi?

MLB: Foi!

MA: Aí depois que a senhora casou e foi ter a sua primeira casa, não é?

MLB: Foi minha primeira casa, foi... Morei no Centenário aqui mesmo em Caxias.

MA: Isso! E o que a senhora...e seu marido, a senhora falou que ele era da onde? Era daqui mesmo do Rio?

MLB: Não, era de Minas também...

MA: Era tudo mineiro?

MLB: Só que era de cidades diferentes, não é?

MA: De qual cidade ele era?

MLB: Ele era... Será que eu vou me lembrar o nome da cidade? (risos) (final de fala inaudível)

MA: Ah, qualquer coisa lembra daqui a pouco. (fala ao mesmo tempo)

MLB: Exatamente!

MA: O que vocês trouxeram de cultura mineira pra casa de vocês?

MLB: Olha, eu trouxe muita sabedoria sobre alimentação, preparar a alimentação.

MA: É, mas é aquele tutuzinho ou só no chazinho?

MLB: É... Não...é tutu, é chá, é tudo misturado!!

MA: Fiquei com fome agora!

MLB: (risos) É que eu faço muito essas coisas assim pro povo, entendeu? Que eles pedem, entendeu?

MA: Entendi.

MLB: “Ah, a senhora faz isso, faz aquilo, faz pra mim, me chama.” Aí eu faço, entendeu? Eu faço e aí eu dou. Essa semana mesmo eu tenho que fazer um pão de queijo pra levar pro médico. (risos)

MA: Olha!

MLB: Ele exigiu de mim. (risos)

MA: Tá certo! (risos)

MLB: Ih, mas ele me presta um grande serviço, não é?

MA: Claro! (final de fala inaudível)

MLB: Exatamente. Que eu faço amizade assim, amizades de conquistar as coisas também, não é?

MA: Aham.

MLB: De ajudar eles, eles me ajudam, eu ajudo outras pessoas, entendeu? Eu indico as pessoas boas que fazem as coisas boas, entendeu? O que eu faço muito aqui é remédio.

MA: Entendi. E desde aquela época já pediam remédio pra senhora?... Mas a senhora quando veio pra cá encontrou muito...pra cá que eu digo, pra sua primeira casa...

MLB: Hum.

MA: Tinha muito imigrante, muito mineiro, muito nordestino?

MLB: Não! Tinha não. Eram poucos, mineiros são poucos, não é? Que eles não se aventuram muito não. Agora, o que eu conheci mais foi pessoas do Norte.

MA: Lá já na sua primeira casa?

MLB: Exatamente! Porque o pessoal lá quase todo era nortista.

MA: Entendi.

MLB: Então eu me dava bem...graças a Deus me dou bem com todos.

MA: E eles davam comida do Norte pra senhora e a senhora dava comida de Minas pra eles...?

MLB: Não, não. (fala ao mesmo tempo) Eu sou uma pessoa que não sou de comer nada fora.

MA: Noossa! Caramba!

MLB: Sou chata! (risos)

MA: (risos) Mas fale mais dessa primeira casa. Quais as lembranças que você tinha... (fala interrompida)

Leandro Dittz: Só um segundo. Vou dar uma pausa aqui rapidinho.

MA: Tá. Só um segundinho.

MLB: Tá bem.

MA: Tá ficando bom!

MLB: Tá? Será? (risos)

LCB: Tá, pô... A senhora é maravilhosa.

MA: Problemas técnicos. (pausa para ajustes)

MA: Então...continuando lá dessa sua primeira casa da senhora...

MLB: Sim.

MA: O que a senhora tem de lembrança de lá? Lembrança boa ou ruim? Vocês ficaram quanto tempo morando mesmo lá nessa primeira casa?

MLB: Cinco anos.

MA: Morou lá cinco anos?

MLB: Isso. É.

MA: Como é que foi o processo de compra dessa casa?

MLB: Não, essa casa era alugada, não é?

MA: Foi alugada?

MLB: Era alugada. Ficamos lá cinco anos e depois eu resolvi sair de lá pra lá, para o Centro de Caxias.

MA: Mas o que a senhora tem ainda de lembrança dessa casa?

MLB: Ah, lá era bom pra morar. Tinha quintal, podia plantar alguma coisa que eu adoro plantar. (risos)

MA: Lembrança de infância, não é?

MLB: (risos) Claro, entendeu? Aí eu plantava várias coisinhas lá, aí eu colhia, dava para vizinho, entendeu? Que eu também não dava conta de comer, não é? E, também não ia vender aí eu dava para as pessoas próximas ali. Aí cada vez eu dava pra uma pessoa pra não dizer: "Ah, me discrimina." Tem essas manias, não é? Então eu sempre dividia com os vizinhos. Depois eu resolvi sair de lá.

MA: A senhora alugou lá... A senhora alugava lá de quem?

MLB: É...do Senhor Antônio. Era um proprietário.

MA: (fala inaudível)

MLB: É. Gente, gente legal, ele era nortista.

MA: Tinha que assinar contrato...?

MLB: Nada, nada, era só de boca. (risos)

MA: Só de boca?

MLB: Era só de boca. (risos)

MA: Uhum... (fala ao mesmo tempo)

MLB: É... (fala interrompida)

MA: Mas ele aumentava o aluguel?

MLB: Não, não. Era muito bacana ele, mas também todo ano eu fazia reforma na casa.

MA: Hum... Com o seu dinheiro?

MLB: Você entendeu? É...com o meu dinheiro. Aí eu pedia licença, conversava com ele, não é? Porque não era a minha casa, não é? Se eu queria dar uma pintura, queria fazer algum conserto, aí eu chamava ele e conversava com ele. (trecho de fala inaudível) Não se preocupa, porque nós vamos gastar pra conservar. Quando eu mudei da casa dele de manhã, a filha dele mudou à noite. (risos) Pra você ver que tava tão conservada, não é? Que a própria filha foi morar lá.

MA: Mas vocês saíram de lá porque vocês quiseram?

MLB: Não, porque eu quis. Não, não pediu não, foi porque eu quis sair.

MA: Ele era dono de outras casas alugadas?

MLB: Ele tinha várias casas alugadas. Eram assim... Casinhas pequenas, todas separadas, não é? Então cada um tinha o seu pedacinho. Tinha canteiro de flores, não é? Porque eu adoro flores também e outra parte eu plantava coisas pequenas: quiabo, abóbora, chuchu.

MA: (risos)

MLB: (risos) Porque tudo isso dá, entendeu? Couve, coisas assim...canteirinho. Eu “apanhava” o estrume no quin... No alto assim... Tinha um campo, lá tinha muita vaca. Eu saía assim, à tardezinha saía juntando aquilo tudo, levava pra casa e preparava a terra.

MA: Entendi.

MLB: Porque eu sempre gostei da plantação, não é? Porque eu fui roceira. (risos) **MA:** E a senhora plantava pra fazer comida, remédio?

MLB: Exata... Não, nessa época eu fazia pouco remédio, só fazia pra casa, não é? Agora aqui que eu trabalho na comunidade.

MA: Aí a senhora foi pra casinha do número 17?

MLB: Não, aí eu fui pro Centro de Caxias alugado também.

MA: Aham.

MLB: Entendeu? De lá que eu vim pra aqui, porque tava um... (fala interrompida) **MA:** Porque que a senhora quis ir pro Centro de Caxias?

MLB: Não...porque eu não estava mais assim... Era melhor pra gente, tinha mais opção de comércio, não é? Criança... Já estava com dois filhos pequenos. Então eu tinha uma situação melhor pra comprar as coisas, pra levar pra médico, essas coisas tinham mais facilidade.

MA: Casa maior, menor?

MLB: Maior, maior! Maior, melhor, entendeu? Mas também era aluguel.

MA: Entendi. Como é que a senhora ficou sabendo dessa casa do Centro?

MLB: Foi pela minha cunhada que ela já morava no Centro. Ela falava: “Ah, vem Morar perto, vem morar perto.” Eu falei: “Ah, arruma uma casa, porque eu não posso com duas crianças.” Não pode sair assim procurando, não é?! Ela procurou, aí eu fui lá, conversei com a moça, também era só conversar e entrar.

MA: Uhum.

MLB: Entendeu? Aí de...dessa casa eu vim pra aqui, porque eu soube que tava dando terreno aqui, aí eu falei com o meu marido e ele: “Eu quero porcarias nenhuma aqui não.” Todo cheio de ignorância, não é? Aí eu falei: “Ah, tá bom.” Porque eu não sou brigona, eu concordo com tudo. (risos) Mas no meu jeito, não é? Eu saía pra trabalhar e eu vinha pra cá. Eu fiz a casinha aqui que era lá embaixo ali na 17... (fala interrompida)

MA: Pera aí... Como é que a senhora ficou sabendo que estava dando terreno aqui?

MLB: Porque tem muitos amigos.

MA: Aqui?

MLB: Não, ele não era daqui, ele era de fora. Mas quando ele soube, ele foi na minha casa falar.

MA: E esse negócio tava correndo na boca de todo o mundo?

MLB: Aí um ia passando pro outro, entendeu? Aí quando meu marido sabia: “Eu não quero nada de graça, nada de graça presta. Você não vai se meter numa dessa, porque você não é maluca”.Eu falei: “Tá legal, tudo bem.”

Luciane Chagas Brasil: Mas tava dando de graça?

MLB: É, porque era um terreno que era de graça, entendeu?

MA: E muita gente então veio?

MLB: Aí começaram a fazer, só não aceitavam barraco de madeira, tinha que fazer alvenaria.

MA: Tá, mas aí a senhora tava lá no centro de Caxias e a senhora veio pra cá pra saber... Pra ver qual era desse terreno?

MLB: Aí eu vim, fui na casa do meu amigo...

MA: Já conhecia aqui?

MLB: Não! Não morava aqui e ainda não conhecia. Morava do outro lado.

MA: Sim...

MLB: Não é? Eu falei: “Não custa nada dar uma olhada, não é?” Que a gente olhando, conversando é que se entende, não é? Aí eu vim, tinha muito mato, tinha casas... (fala interrompida)

MA: (fala inaudível)

MLB: É. Aí ele já morava aqui. Aí eu fui na casa dele, ele me mostrou tudo como era, como não era, o que se fazia, o que tinha que fazer. Eu disse: “Tudo bem.” Ele falou assim: “Manda o...” O meu marido se chamava Mário. “Fala com o Mário pra vim aí pra gente conversar.” Eu falei: “Ele não vem não.” Aí ele disse: “Ah, mas por quê?” Aí eu falei: “Porque ele não quer, quem quer sou eu. Então eu tenho um dinheiro guardado, vou aproveitar e vou plantar nesse lugar e se perder, Deus sabe que eu perdi, mas eu não vou poder ficar triste por isso.”

MA: Mas a senhora teve que falar com quem pra conseguir o terreno?

MLB: É um senhor, ele já faleceu. Era o Seu José Barbosa...

MA: Uhum...

MLB: Chamava ele de Barbosinha.

MA: Barbosinha?

MLB: É, aí eu fui na casa dele, conversei com ele e ele: “Cadê o teu marido?” Eu falei: “Ah, meu marido tá trabalhando, não dá pra ele vim, depois ele vem.” Aí saí andando com ele pra procurar um terreno. Procurei vários e meu marido não aceitou. Eu falei: “Quer saber, com o primeiro que aparecer agora, eu fico.” Foi um becozinho ali, foi o pior. (risos) Não quer, então tem o dinheiro e aí peguei e já mandei começar a fazer a obra.

MA: O que a senhora achou do Seu Barbosa quando conheceu ele?

MLB: Não, era uma pessoa legal, bacana. Até hoje eu **amlbi**ro muito a simplici... A atitude que ele teve com o povo, porque muita gente ainda condena ele até hoje.

MA: (fala inaudível)

MLB: Hein? Não, porque acham assim... Que ele não... Não...Não era uma pessoa boa, não é? Aí muita gente fala assim: “Ele deu o que não era dele.” Aí eu falei: “Gente, para e pensa! A gente dar o que é da gente é fácil, agora... O que é de outra pessoa, não. Ele deu o que não era dele, ele enfrentou polícia, ele foi preso e vocês ainda acham que o homem não presta? Isso é um grande homem!! Ele fez tanto benefício pro povo e agora vocês condenam?” Porque eu ia em muita reunião aqui falar sobre as coisas, entendeu? Então eu dava o meu palpite.

MA: Uhum.

MLB: Aí eu sempre ia favor dele.

MA: Mas naquela época o Seu Barbosa já era político, já era vereador?

MLB: Depois é que ele foi.

MA: Muito tempo depois?

MLB: Não, levou mais ou menos... Foi na primeira eleição, foi uns dois anos que demorou.

MA: Quando a senhora veio pra cá, não é?

MLB: É.

MA: E o que ele faz... Ele fez campanha aqui na Vila?

MLB: Ele fazia campanha, ele ajudava as pessoas, ele corria atrás...assim de quem não tinha... Assim um bem pra gastar e tudo, ele ajudava. Ele não era rico, ele não tinha nada também. Coitado! Entendeu? Mas tinha um bom coração. Eu acho que isso é mais importante na pessoa.

MA: Uhum...

MLB: É se doar com aquilo que ele não tem.

MA: E como é que foi essa... A senhora lembra como é que foi essa prisão dele?

MLB: Ah, por... Por causa disso mesmo, por causa do terreno que falavam que ele não podia ter dado um terreno que não era dele.

MA: Aí veio a polícia aqui...?

MLB: Eu não...Eu não sei nem como a atitude que eles tiveram com ele, eu sei que ele ficou preso, entendeu?

MA: A senhora não viu, não tava aqui no dia?

MLB: Não, não! Eu não vi esse lance, eu tava em outro lugar ocupada, não é? Aí então eu não fiquei sabendo, quando fiquei sabendo ele já tinha sido preso. Depois soltaram ele, aí eu conversei com ele e tudo. Ele falou: “Injustiça!” Eu falei: “Mas injustiça tem em qualquer lugar. Não é todo mundo que é do bem, mas Deus viu que você tava certo e tirou você de lá, você está bem, continua trabalhando com a gente. No que eu puder ajudar, eu vou ajudar, minha família, eu ajudo... No que precisar.” Então eu fiz a minha casa, quando eu fiz, eu chamei ele pra ver a casa que eu tinha construído. Que ele falou assim: “A senhora fez muito bem, fez direitinho, fez do jeito que podia ser feito, entendeu?” Falei: “Não, não vou abusar, não é? A gente faz aquilo que é certo, não pode abusar das pessoas.” Eu... Mais ele, batia muito de frente, entendeu? Porque às vezes ele tava fazendo uma coisa errada, e eu não aceitava...

MA: E aí?

MLB: Aí eu debatia com ele, não é? Não falava por trás, porque eu não gosto de falar por trás de ninguém.

MA: Mas quando ele foi preso, o que os moradores começaram a falar dele?

MLB: Não, muitos foram... Foram contra a prisão dele. Foram lá... (fala interrompida) (pausa para ajustes)

MA: Mas então... Mas o que que os moradores passaram a falar dele quando...? Ele ficou muito tempo preso ou (final de fala inaudível)

MLB: Não, não. Foi poucos dias, poucos dias, não deixaram muito tempo não.

MA: Foi a única vez que ele foi preso?

MLB: Oi?

MA: Ele só foi preso uma vez?

MLB: Foi só uma vez, só uma vez, mas depois...

MA: Mas o que os moradores passaram a falar dele depois que ele foi preso?

MLB: Não... O pessoal, a maioria apoiava. Quem fez isso com ele foram pessoas que eram contra o que ele fez. Era algum político, não é? Também não gosta de aparecer, porque sabe na política tem tudo, não é?

MA: Quais eram os políticos que o Barbosa trazia pra cá? Qual era o partido dele? A senhora lembra?

MLB: Se não me falhe a memória, é o PSD, alguma coisa assim, porque são tantos partidos que a gente acaba esquecendo, não é?

MA: Sim...

MLB: Não, mas sempre trazia boas pessoas pra falar com a gente...

MA: (fala inaudível e ao mesmo tempo)

MLB: Não, não era assim tão famoso aqui em Caxias, não é? Era um dos políticos Meio fraco. (risos) Que antigamente eu não me metia no negócio de política não, só com ele mesmo.

MA: Aham...

MLB: Que aí eu debatia com ele certas coisas, não é?

MA: Claro.

MLB: Porque eu achava que tava errado, aí eu conversava com ele como meu amigo.

MA: O que a senhora via que tava errado que a senhora ia debater com ele?

MLB: Não, eu achava sobre a saúde.

MA: Fala mais!

MLB: Porque nós fizemos uma associação e compramos uma ambulância que era pra ter...pros moradores ter mais acesso à saúde, à comunicação, pra sair quando ficava doente, pra ter um socorro que aqui não tinha, não é? E aí começaram a desviar essa...essa ambulância. Às vezes precisava, não estava. Inclusive uma vez eu precisei, não estava. Aí “apanhei” um particular pra levar o meu menino pra Bonsucesso. Aí eu fui debater com ele sobre isso, porque eu falei que ele não podia fazer isso, porque a ambulância não pertencia a ele, pertencia à comunidade e eu precisei e ela tava fazendo serviço extra que não era o de doença.

MA: Uhum...

MLB: Porque aqui eu sabia de tudo, porque eu corria atrás de tudo. Sempre corri, porque eu gosto de fazer as coisas, mas fazer no devido tempo.

LCB: Mas essa ambulância... Era uma ambulância de saúde ou era uma vam?

MLB: Não, era uma ambulância mesmo, tinha escrito, tinha tudo. Ambulância, entendeu? Da Vila Operária, entendeu? Tudo escrito na... Na... No contexto direitinho, entendeu? Mas aí depois compramos um jipe também... Aí dessa vez que eu precisei nem o jipe e nem a ambulância tava presente.

MA: O jipe era pra quê?

MLB: O jipe era pra fazer socorro em lugares mais difíceis, não é? Que a ambulância não chegava, o jipe chegava que antigamente tinha isso, não é?

MA: E a ambulância vocês compraram de onde?

MLB: Ah, isso eu não sei!! (risos)

MA: [riso]

MLB: A gente só...só colaborou. (risos)

MA: Então tava lá, não é?

MLB: Tava lá! Tava lá, tava funcionando, tudo bem, todo mês pagava a mensalidade que eu saía daqui e ia lá em cima no morro pagar a mensalidade.

MA: Era lá na Associação de Moradores, não é?

MLB: Era lá na Associação de Moradores!

MA: (primeira pergunta inaudível) Quem deu a ideia de fundar a Associação de Moradores?

MLB: Ah, o próprio povo que morava aqui, entendeu? Porque achou...achou assim... Mais facilidade pro povo se locomover, porque os pessoal que vinha praqui só era trabalhador, tudo gente de trabalho mesmo. Quer dizer, que os marido saía e as mulher ficavam sem saber o que

fazer que tem muitas mulheres que não tem uma opção assim de agir. Então... A Associação de Moradores tinha essas condições. A Associação de Moradores também conseguiu que a gente aqui não tinha luz, entendeu? Aí providenciaram uma cabine pras pessoas, eu já tinha, porque o nosso era particular. Era eu e mais cinco famílias, se organizamos e pedimos um bico de luz que vinha lá do outro lado.

MA: Aqui tinha comissão de luz?

MLB: Tinha. Aqui era muito difícil as coisas, filho. No início... (fala interrompida)

MA: Essa luz fazia parte da Associação de Moradores ou era separado?

MLB: Era da Associação de Moradores! Eu morei aqui dois anos sem luz.

MA: Nossa! Como é que a senhora fazia?

MLB: Ah, vela, lamparina, entendeu? (risos)

MA: Uhum... (ao mesmo tempo)

MLB: Não tinha água, fizemos eu e meu marido... Fizemos um poço, aquele poço da boca grande que agora não usa mais, agora é artesiano, entendeu? E por aí a gente vai vivendo...

MA: E como é que a Associação de Moradores conseguiu luz?

MLB: Mas... Por intermédio dos moradores, porque cada um se associou e fez uma comissão e adquiriu.

MA: Não, mas como é que eles conseguiram trazer a luz?

MLB: Não, porque era...

MA: Foram lá na Prefeitura?

MLB: Não, foi na Light, não é? Porque a luz passava nessa principal aí onde passa os ônibus...

MA: Uhum...

MLB: Não é? E dali puxava pra cá. Então a Associação de Moradores convocou os moradores que queriam ter luz, pagaram uma taxa, a pessoa que era... Ajudava ele na... A administração foi na Light e fez o requerimento, foi aonde conseguiu luz para os primeiros moradores, mas não eram muitos não, não chegava a 100 moradores.

MA: Caramba!

MLB: E depois foi se organizando, não é?

MA: E quem é que trabalhava na Associação de Moradores com o Barbosa? A senhora chegou a ter cargo?

MLB: Não, nunca quis!

MA: Nunca quis?

MLB: Não!

MA: Mas eles queriam?

MLB: Queriam, mas eu nunca quis. Até pouco tempo já me chamaram pra ser Presidente da Associação, mas eu falei: “Não quero, porque eu vou fazer uma coisa e eu sei que não vai ser aceita. Então prefiro tá de fora.” Entendeu? Porque isso é complicado.

MA: E como é que era... (fala interrompida)

MLB: Agora... O pessoal da Associação que foi da Associação mesmo só tem um vivo. (risos) Os outros todos já morreram.

MA: Caramba! Desses que fundaram aqui?

MLB: Desses que fundaram aqui! Eu conheci todos eles.

LCB: A senhora ainda tem contato com ele?

MLB: Tenho.

MA: Qual é o nome dele?

MLB: Você conhece a Alice que mora ali em cima? A mãe da Odalice.

LCB: Não.

MLB: Não conhece não?

LCB: Aonde ela mora?

MLB: Ela mora nessa principal aí do colégio. É o esposo dela.

LCB: Não, mas a senhora vai me apresentar El,a com certeza. [riso] **MLB:** Ah, posso apresentar! Aqui eu conheço todo mundo. (risos)

LCB: Que bom.

MLB: Eu me dou muito com eles.

LCB: Então tá. Vou marcar um dia pra senhora me apresentar.

MLB: Agora... O nome dele eu não sei qual é o verdadeiro, eu chamo ele de ” Nola”...

MA: Uhum...

MLB: Entendeu? Agora... Eu não sei se o nome próprio dele é esse, não é? Mas eu também nunca perguntei. (risos)

MA: Mas os moradores que participavam da Associação, iam pra reunião?

MLB: Tive! Reunião toda semana!

MA: Pagavam toda a mensalidade direitinho?

MLB: Tinha a mensalidade direitinha, tinha tudo cadastrado direitinho pra poder pagar.

MA: Entendi.

MLB: Era bem organizado. Agora eu acho meio bagunçado.

MA: Mas a Associação de Moradores o Barbosa era o Presidente, não é?

MLB: Era o Presidente.

MA: Através da Associação de Moradores que ele controlava que você só podia construir alvenaria, não podia ter barraco...?

MLB: Não, isso foi antes da Associação, porque ele falou que não queria uma favela, Porque aqui falava que era só de moradores trabalhadores, não é? Então ele falou que aqui ele não queria favela, porque se começasse a plantar barraco, virava favela. Então começou a abrir ruas, não é? Todo mundo fazia suas casinhas...de um cômodo, mas tinha que ser de alvenaria, se fosse de madeira ele não aceitava.

MA: Aí o que que ele fazia se alguém tentasse construir uma de madeira?

MLB: Não, o pessoal até que era bem humilde e não fazia, aceitava...

MA: Uhum... (ao mesmo tempo) Todo mundo aceitou (final de fala inaudível)

MLB: Todo mundo aceitou, respeitou o que ele falou, que aqui era ser morador, não era favela.

MA: Uhum...

MLB: Porque o primeiro imposto que saiu, saiu taxado favela e foi...foi condenado.

MA: Primeiro o que?

MLB: Imposto do terreno que a gente pagava imposto. Agora eu não pago mais por causa da idade, não é?

MA: Mas era da primeira ou daqui já?

MLB: Hein?

MA: Da primeira casa ou daqui já?

MLB: Não, não! Da primeira casa lá eu já pagava imposto.

MA: Entendi.

MLB: Entendeu? Porque o terreno não era... A gente tinha que dar alguma ajuda em alguma coisa, não é? Então a Prefeitura entrou com esse pedido pra... Pra imposto, não é?

MA: Uhum...

MLB: Lá eu paguei...aqui eu paguei muito pouco tempo, porque aí chegou a idade, aí eles... Dispensa a gente. (risos)

MA: Mas depois desse primeiro momento em que o Barbosa fez a Associação de Moradores, vocês já tinham (trecho de fala inaudível) O que que a Associação de Moradores fazia com as casas? Por exemplo, um morador queria vender uma casa pra outro morador. Isso acontecia?

MLB: Isso. Acontecia sim.

MA: Vocês tinham um mercado aqui do pessoal vendendo casa, alugando...?

MLB: Sim, senhor. Primeiramente falava com ele e ia pra Prefeitura pra fazer transferência.

MA: Ah, fazia pela Prefeitura?!

MLB: Pela Prefeitura a transferência. Inclusive eu dei essas casas aqui, tanto aqui como em cima, eu fui na Prefeitura, mas não aceitaram, porque eu só vou doar após morte.

Então falaram que os meninos eram menores e eu não podia cadastrar eles na Prefeitura.

MA: Hum...

MLB: Então se eu pagasse o imposto, bem. Se eu parasse, eles também não iam pagar. Agora, só vão ter direito a ter o nome na Prefeitura depois... Após morte.

MA: Mas é um cadastro ou escritura?

MLB: Dá um cadastro. Escritura aqui nós não temos. Eles falam que deu, mas não vale.

MA: Mas tem o papel (final de fala interrompida e inaudível)

MLB: Tem, tem, tem o papel.

MA: A senhora tem esse papel?

MLB: Eu tenho!

MA: Depois a senhora pode mostrar pra gente?

MLB: Posso. Tá escondidinho ali no canto. (risos)

MA: Tá.

MLB: Inclusive eu tenho até um cartão que eu tentei fazer do menino mais velho, meu neto...

MA: Sim...

MLB: Mas aí não foi aceito, mas eu guardei o cartão.

MA: (fala inaudível)

MLB: (risos)

MA: Aí...tá. Aí através da Associação de Moradores ia na Prefeitura pra registrar como comprava ou vendia?

MLB: Exatamente!

MA: E pra alugar?

MLB: Não, pra alugar não tem problema não. Aluga.

MA: Mas é de boca ou contrato?

MLB: De boca também. (risos)

MA: Ah, é de boca.

MLB: Chega pra alugar, vem, conversa, aluga e pronto. Eu tenho aluguel aqui.

MA: Cê tem uma casa alugada aqui?

MLB: Não, eu tenho uma...uma lojinha...

MA: E a senhora tem essa lojinha tem quanto tempo?

MLB: ... Aqui do lado. Oi? (ao mesmo tempo)

MA: E a senhora tem essa lojinha tem quanto tempo?

MLB: Essa lojinha eu tenho ela mais ou menos 20 anos ou mais. (risos)

Mauro Amoroso: Caramba!

MLB: Sempre alugaram, que eu fiz pra minha... Pra minha menina e o meu neto trabalhar, mas aí os pais... O pai do menino não aceitou mais a mãe.

MA: Por que?

MLB: Porque disse que eles eram crianças e eu queria explorar... Você entendeu? Eu falei: “Eu não vou explorar ninguém, vou ensinar a eles a trabalhar.”

MA: Entendi.

MLB: Comprei material, comprei tudo, arrumei tudo direitinho e aí não deixou... Aí eu abri uma oficina de boneca, eu mesma trabalhei... Nessa oficina há muito tempo...

MA: Uhum...

MLB: Depois com uma casa que ficava muito abandonada e era muita gente entrando, saindo e mexendo, aí eu fechei. Falei: “Vou alugar que é melhor. Tomar conta da minha casa.”

MA: Aí alugou essa lojinha? (final de fala inaudível)

—

MLB: Tá alugada. É, tá alugada até hoje.

MA: Pra quantas pessoas a senhora já alugou essa lojinha?

MLB: Pra umas... Quatro pessoas.

MA: A mais antiga ficou quanto tempo?

MLB: Sempre fica dois, três anos. Esse menino que tá agora já tem três anos...

MA: Uhum.

MLB: Também nunca aumento o aluguel dele, entendeu? Tudo o que precisar, eu ajudo. É...

Pra quê?

MA: Uhum...

MLB: Entendeu? Agora a menina falou pra mim que ele vai mudar o comércio, porque é barbearia, não é?!

MA: Uhum.

MLB: Aí ela falou: “Tudo bem. Você trabalha.” O primeiro aluguel que eu fiz foi pra cabeleireira, a menina ficou três anos, mas depois ela cismou de sair daí, porque tava muito...

Lotado. Falou assim: “Ah, não tenho condições de receber o povo.” Aí eu falei: “Ah, minha filha, isso é contigo. Dá, dá. Não dá, tudo bem.” Saiu, foi ali pra baixo e não deu certo.

MA: Uhum...

MLB: Arrependeu. Quando voltou, já tinha outro no lugar. Aí eu falei: “Agora já não tem mais jeito.”

MA: Mas a senhora nunca teve problema com ninguém de... (fala final interrompida e inaudível)

MLB: Não, não, não!

MA: Mas a senhora já ficou sabendo de alguém que teve algum problema aqui que foi alugar uma coisa e a pessoa não pagou?

MLB: Já.

MA: E aí quem é que resolvia isso?

MLB: Ah, ou paga ou sai!

MA: Entendi. É de boca também, não é? Aí entra numa conversa... (fala interrompida)

MA: Mas a Associação de Moradores regulava isso?

MLB: Não!

MA: Não. Só entre as pessoas mesmo?

MLB: Não, só entre as pessoas mesmo. Agora a única coisa que eles entram é sobre vendas, não é? De casas...

MA: Entendi.

MLB: É, porque...

MA: E tá assim até hoje?

MLB: Até hoje tem que ter. Não, porque eu acho que tem que ter organização.

MA: Claro!!

MLB: Não é? Porque a pessoa não vai dispor do que ele tem assim de qualquer jeito, não é? E o outro também não pode comprar...

MA: Uhum... A senhora... A senhora falou na outra entrevista que de vez em quando aparecia um pessoal aqui que se dizia dono do terreno e queriam botar vocês pra fora. Fala mais um pouquinho sobre isso. O que que a senhora lembra desses donos? Quem é que costumava ser essas pessoas?

MLB: Exatamente! (fala ao mesmo tempo) Não, eles falavam que era um tal de “Xandrick”.

MA: Chadrick?

MLB: É, mas... Ninguém sabia quem era, nem ninguém nunca viu, ninguém sabe quem é.
[riso]

MA: Uhum...

MLB: Entendeu? Inclusive eu tinha um vizinho que morava aqui, uma vez eu passando ele me chamou: “**MLB**, eu quero falar com a senhora.” Eu digo: “Pode falar, meu filho...”

MA: Uhum... (ao mesmo tempo)

MLB: ...O que que tu quer?” - “Ah, eu tô vendendo uns terrenos aqui.” Aí eu falei: “O senhor comprou?” Aí eu perguntei pra ele: “O senhor comprou os terrenos daqui?” - “Não, não, porque nós vamos passar a vender o terreno.” Eu falei: “O senhor comprou?” Morava aqui nessa casa de frente. Aí eu falei: “O senhor já comprou, já pagou? O senhor tem o papel comprovando? Me mostre!” - “Ah, não...não sei o que...não tenho.” - “O dia que o senhor tiver, o senhor fale comigo novamente, porque eu não vou entrar em tramoia de ninguém, porque isso aí vocês tão querendo se arrumar com os pobres...”

MA: Uhum... (ao mesmo tempo)

MLB: Pobre tirando do pobre. De mim vocês não vão tirar nada. Eu posso comprar sim, mas vou ser a última a comprar quando tiver escritura, quando tiver o dono certo. Não é vocês sair anunciando que tão vendendo terreno, porque não se faz isso com ninguém.” Entendeu?

MA: Mas aí... Não, entendi.

MLB: Mas aí ninguém nunca foi a frente. (ao mesmo tempo)

MA: (primeira fala inaudível) Mas tinha político que tentava tirar vocês daqui? **MLB:** Não!

MA: Eram só esses caras que apareciam... (final de fala interrompida e inaudível)

MLB: É, eram os caras... Os espertalhões...Os espertalhão. [riso]

MA: Mas a senhora nunca ouviu falar... (final de fala interrompida e inaudível)

MLB: Não, ninguém conhecia, nunca ouviu falar, ninguém nunca viu. Como é que existe uma pessoa assim?

MA: Claro...

MLB: Tem que aparecer, não é? Tem que apresentar.

MA: Uhum...

MLB: Porque tudo hoje em dia é conversado, visto e estudado!

MA: Entendi. A senhora tem lembrança do BNH tentando fazer alguma coisa aqui?

MLB: Não!

MA: Habitação, remoção, nada disso?

MLB: Nada, nada, nada aconteceu aqui.

MA: Uhum.

MLB Toda vida foi sempre assim. São os moradores mesmo que mandam e

Desmandam, pagam, não pagam e vende, outros vem e compram. Vai dar tudo certo!

MA: Uhum... Agora uma curiosidade! É... Aqui quando começou essa primeira leva de construções de alvenaria, o pessoal aqui chegou a abrir muito comércio de tijolo, terra, cimento, essas coisas ou vocês compravam de fora?

MLB: Às vezes... Aqui teve um senhor que fazia o tijolo, fazia...fazia manilha...

MA: Uhum...

MLB: Inclusive era meu vizinho aqui, dessa parte daqui. O nome dele era Antônio. Eu mesmo comprei tijolo dele, entendeu? Manilha...

MA: (fala inaudível)

MLB: É, era um tijolo comum. Ajudava, não é? Eu acho...

MA: Só ele que vendia ou teve mais gente?

MLB: Não, aqui dentro era só ele. A gente comprava outro material fora daqui na 25.

MA: Uhum.

MLB: Eu comprei muito material no Borges...

MA: Uhum.

MLB: Que era um comerciante antigo, pessoa bacana também, português. Então quando eu precisava ia lá, comprava, eles vinham e traziam, mas já tinha mais opção de material, não é?

MA: Uhum.

MLB: O Seu Antônio só vendia mesmo essas peças assim... Igual tijolo, manilha.

Antigamente tinha aquela manilha na rua...

MA: Uhum...

MLB: Tinha manilhas pequenas, tinha grande, entendeu? Então ele fabricava, então tinha que ajudar o amigo.

MA: Claro!

MLB: Porque eu acho importante ajudar as pessoas que tão vindo de baixo.

MA: Uhum. Claro!

— Eu dou apoio a essa gente.

MA: Então tá. A senhora fala que a senhora é religiosa, mas a senhora é católica?

MLB: Eu sou!

MA: E a senhora trabalha junto da igreja católica?

MLB: Trabalho!

MLB:

MA: Qual a igreja que fica aqui?

MLB: Nossa Senhora da Aparecida.

MA: Nossa Senhora da Aparecida.

MLB: É.

MA: Tem uma “Crista Operária” aqui perto, não tem?

MLB: Não, a “Crista Operária” não é daqui. Tem a Guadalupe...

LCB: Tem a Nossa Senhora de Guadalupe...

MLB: Exatamente!

LCB: A Nossa Senhora Aparecida. Indo pro Beira Mar, São José, não é?

MLB: São José, tem o São Pedro, tem São Paulo Apóstolo também. [riso]

MA: Ah, me confundi. Essa Nossa Senhora da Aparecida é a que a senhora vai, não é?

MLB: Essa eu sou a fundadora dela. [riso]

MA: É a fundadora. Então tem quanto tempo essa igreja aqui?

MLB: Tem 30 anos.

MA: 30 anos?!

MLB: Isso!

MA: Mas a igreja fazia trabalho aqui? Dom Helder Câmara vinha aqui?

MLB: Não, Dom Helder não. Era... Dom Mauro.

MA: Dom Mauro Morelli?

— Isso!!

MA: Ele fazia trabalho aqui?

MLB: Aquele é um Bispo, viu?

MA: Aham.

MLB: Ma-ra-vi-lho-so! Foi uma pena ele ter ido embora... Se aposentou, sumiu. (risos)

MA: Mas o Dom Mauro não era daqui?! Quando a senhora veio pra cá pra Vila Operária ele já era...

MLB: Não, quando eu vim pra Vila Operária, eu não sei porquê eu não frequentava a igreja diretamente...

MA: Hum...

MLB: Porque as igreja eram tudo longe e meus filho era pequeno. Então não podia levar, não podia sair, entendeu? Eu só fui ser mesmo na Nossa Senhora de Fátima quando meus filhos

ficaram com 5 anos, aí fez a Nossa Senhora de Fátima que primeiro ela foi de madeira na Praça 25, de lá ela foi transferida aonde ela é hoje, entendeu? Igreja muito bem construída!

MA: A igreja foi construída toda de madeira?

MLB: A primeira igreja de Nossa Senhora de Fátima foi madeira.

MA: Vocês não podiam botar madeira, mas a igreja podia ser de madeira?

MLB: Mas, mas lá já era outro bairro.

MA: Entendi.

LCB: Bairro da 25.

MLB: É, Bairro da 25.

MA: Aí vocês trouxeram tudo pra cá?

MLB: Não. Aqui é Nossa Senhora da Aparecida. A Nossa Senhora de Fátima é da 25 ainda, tá? Tá confundindo. (risos)

MA: Me confundi.

MLB: Isso aí. Mas eu frequento tanto a Aparecida como a Nossa Senhora de Fátima, porque pela intermediação, entendeu?

MA: Fundação Leão XIII chegou a fazer algum trabalho aqui nessa época? Cruzada São Sebastião, Fundação Leão XIII ...?

MLB: Não, não, não, não. Só a Leão XIII com o Leite que eu trabalhei.

MA: Quando?

MLB: Ah, isso tem muitos anos, não é meu amor? (risos)

MA: Ah, vamos tentar lembrar. A senhora tinha quantos anos?

MLB: Hein? Eu?

MA: É.

MLB: Bom, eu moro aqui há 60, não é? Agora... Deve ter sido mais ou menos... Deve ter sido mais ou menos uns 25 anos que teve.

MA: E aí ela veio pra cá distribuir leite pra criançada?

MLB: Não, ela não... A igreja não distribuía, veio outras pessoas pra fazer esse trabalho aqui...

MA: Uhum...

MLB: Era as irmãs. Aí saiu, quem trabalhava na comunidade saiu pedindo pra trabalhar no leite pra fazer distribuição, ver quem tinha necessidade desse leite, entendeu? Então eu trabalhei muito tempo, enquanto existiu eu trabalhei nele, depois veio a Benedita e cortou.

MA: Hum...

MLB: Quando ela foi Governadora.

MA: Entendi. E o Dom Mauro Morelli fazia algum trabalho aqui na Vila Operária?

MLB: Fazia!

MA: O que ele fazia?

MLB: Ah, ele fazia várias coisas, ajudava o povo, entendeu? Porque isso era uma coisa importante, dava sempre uma palavra bonita, visitava as casas, entendeu? Porque eu acho isso importante, não é?

MA: Agora vamos dar aquela pausa. A galera aqui...viu como é que dessa vez foi de surpresa...

LCB: Foi...

MA: Pra gente fazer aquela segunda leva... (final de fala inaudível)

LCB: Deixa eu só apertar aqui. Dá uma pausa, dá uma pausa aí só pra eu poder fazer mais duas perguntas pra ela. Dá stop, dá stop. (pausa para ajustes)

LCB: A senhora lembra de como foi a construção do... Do Posto de saúde? Se a senhora participou...

—
MLB: Participei.

LCB: Tem quanto tempo isso?

MLB: Eu e minha família. Ah, menina eu já perdi a conta. (risos) Meus filhos eram pequenos...

LCB: Já perdeu a conta... (trecho de fala inaudível)... A mão na massa?

MLB: Não, meu marido que trabalhou muito, porque trabalhava com caminhão, então ele transportava o material. Meus filhos pequenininhos carregava tijolo... O Posto de Saúde foi feito em duas salinhas pequenas. Eu me lembro muito bem, o primeiro Diretor foi Seu Carlos... Eles eram todos pequenos ainda, frequentava ali. Sempre foi um bom Posto, bem administrado. Agora melhor ainda, não é? Porque todo mundo por aí tá falho e ele tá sendo presente, bons médicos também, muito bom.

LCB: E a escola, a senhora lembra?

MLB: A escola também foi a mesma coisa, foi as formiguinhas que trabalharam criança.

LCB: Qual o nome da escola?

MLB: Bom, era... Escola Municipal...

LCB: Vila Operária?

MLB: É, Vila Operária. Agora não sei nem qual é nome que deve tá. (risos)

LCB: Mas as pessoas chamavam de Seu Barbosa, não é?

MLB: Não, de Seu Barbosa, porque ele tava na construção dela, você entendeu? Porque começou mesmo as crianças ser alfabetizada na casa dele que eu subia o morro e levava meu filho mais velho, depois é que acharam difícil, porque a casa dele era pequena e tudo, dava uma dificuldade, não é? As pessoas se doavam pra poder dar aula, inclusive eu tive uma amiga que deu aula também de graça, aí resolvemos fazer a construção aqui embaixo. Aí começou as formiguinhas a trabalhar, com doação e tudo fizeram duas salas também, não é? No começo era só duas salinhas de aula...

MA: Ata.

MLB: Mas toda vida graças a Deus foi pra frente, foi sempre melhorando.

MA: **MLB** Luísa, agora a gente vai fazer o seguinte, a gente vai pegar as câmeras e a gente quer que a senhora vá mostrando, vá apresentando a casa da senhora pra gente, contando a história dessa casa. Como é que... Que essa aqui a senhora comprou...

MLB: É...

MA: Já estava pronto esse 1º andar, não é?

MLB: Não, tinha dois andares. Mauro

Amoroso: Tinha dois andares.

MLB: O 3º eu fiz. (ao mesmo tempo)

MA: Quando a senhora comprou, depois que a senhora fez...

MLB: Isso.

MA: Então vai mostrando pra gente assim... O que que a senhora... Deixa que eu vou perguntando pra senhora e a senhora vai mostrando a casa pra gente.

MLB: Uhum. Tá.

MA: Tá bom?

MLB: Tá legal, tudo bem... Eita! É agora que os curiosos vão vim em cima. (risos) Vão querer saber o que está acontecendo na Vila Operária! (risos) (Pausa para reajustes)

MA: Então, Pode ir?

LCB: Pode, pode.

MA: Maria, conta pra gente... Essa daqui é a casa de quando a senhora... Quando a senhora veio comprar essa casa?

MLB: Ela só tinha dois andares.

MA: Só tinha dois andares?!

MLB: Isso.

MA: Mas esse portão e esse muro aqui?

MLB: Esse muro aqui era fechado.

MA: Aham...

MLB: Só tinha esse portão, eu abri o outro pra fazer a outra casa.

MA: Entendi.

MLB: Porque fazer a entrada separada onde tem aquela divisória lá dentro...

MA: Tá...

MLB: Que aí dividiu a casa, certo?

MA: Entendi.

MLB: Que lá em cima tem sala, quarto... Lá em cima tem cozinha, tem sala, tem área de serviço, tem banheiro, tem tudo em cima...

MA: Mauro Amoroso:— Uhum...

MLB: 3º andar...(risos)

MA: Entendi...

—
MLB: Ficou ao contrário. Eles vão dizer assim: “É tão maluca que a casa dela é toda ao contrário.” (risos)

MA: Não...

MLB: Mas não é... É porque era tudo direto, eu dividi e tinha que fazer a cozinha, não é?

MA: Tem que fazer, não é?

MLB: Então eu fiz em cima que eu achei...

MA: Vem cá... A senhora lembra quando a senhora viu essa casa pela primeira vez?

MLB: Lembro!

MA: Como é que foi?

MLB: Ah, foi uma surpresa pra mim, porque eu falei com um amigo, um garoto, não é? Que se ele tivesse uma casa vendendo no baixo, de laje que era pra falar comigo que eu queria comprar, porque minha casa era telhado e era pequena. Era uma meia água com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, mas eu não gostava da casa... Que eu vou te mostrar lá embaixo e vou te dizer o motivo que eu não gostava...

MA: Ok!

MLB: Entendeu? Aí ele falou pra mim: “Ah, tem uma casa ali.” Quando eu cheguei que olhei, eu falei: “Ah, meu amor! Essa casa aí não é pra mim não... Só se Deus me der!”. Ele falou: “Ah, mas por quê? A senhora ainda não sabe nada e tudo, a senhora conhece o dono.” O dono já tinha feito negócio com outra pessoa, quando ele soube que eu queria, dispensou o negócio com o outro e passou pra mim.

MA: É? Ele gostava... Ele era amigo da senhora?

MLB: Era meu amigo. As minhas amizades são boas...

MA: Uhum...

MLB: Aí eu falei com ele: “Mas eu tenho que saber o preço direitinho e tudo pra ver se ele vai fazer negócio.” Aí ele falou: “A senhora não quer a casa ali embaixo?” Eu falei:

“Claro.” Ele falou: “Faz o seguinte: “A senhora dá entrada na casa de baixo, eu fico com a casa de lá e a senhora fica com a daqui e vai me pagando conforme a senhora puder...”

MA: Hum...

MLB: Você entendeu? A amizade é essa...

MA: Claro!

MLB: Entendeu? Aí eu procurei ele e paguei a ele o mais rápido possível...

MA: Claro!

MLB: Entendeu? Porque eu trabalhava numa financeira, arrumei um dinheiro na financeira pra poder adiantar o processo todo...

MA: Uhum... (ao mesmo tempo)

MLB: E o marido não ficou nem sabendo que eu tinha feito o negócio, fiz escondido. (risos) Porque ele disse que eu era maluca...

MA: Sim...

MLB: Não é? Mas a minha maluquice é sempre pra coisa melhor, entendeu?

MA: Entendi.

MLB: Quando eu vim pra cá, só tinha uma casinha aqui que era baixa, essa daqui era baixa, não era sobrado... Ali também não era sobrado, aqui também não era sobrado, o único sobrado que tinha era esse aqui...

MA: Entendi.

MLB: O resto tudo era casinha. Ali era onde fazia os tijolos...

MA: Uhum...

MLB: Naquela parte toda ali...

MA: Uhum...

MLB: Entendeu? É aonde o rapaz trabalhava com...

MA: Mauro Amoroso: Sim... (ao mesmo tempo)

MLB: Com negócio de tijolo e... Manilha.

MA: Uhum... Tá. Aí a senhora veio... Como é que a senhora conheceu a casa aqui quando a senhora entrou pela primeira vez?

MLB: A primeira vez foi um moço que veio e abriu pra mim, que aqui era uma porta...

MA: Aham...

MLB: “Tá fechado.” Aí eu falei: “Gente, como é que entra nessa casa?” Aí o dono não estava, não é? Aí ele pegou, não é? Aí falou: “Deixa, deixa que eu abro pra senhora.” O nome dele era Mauro também. Aí ele abriu pra mim, aí o...vizinho aqui que era o Seu Renato tava com a chave e me deu a chave. Quando eu entrei... (fala interrompida)

MA: Como é que era aqui dentro?

MLB: Ah, aqui era tudo bagunçado!! (risos)

MA: Mas já era assim?

MLB: Não, não, não!! Era tudo chão, chão mesmo, chão mesmo, não tinha cimento não!

MA: Aqui já era fechado?

MLB: Não, não! Aí o muro era baixinho...

—
MA: Aham...

MLB: Aí eu subi o muro, mandei fazer tudo isso aí e agora que eu tô terminando ainda, não é?

MA: Uhum...

MLB: Aqui o muro da frente era baixo, mandei levantar também pra não ficar muito exposto à rua, não é?

MA: Sim!

MLB: E o negócio aqui eu ficava com medo de alguém pular, qualquer coisa e eu ficava muito só com as crianças...

MA: Mas a senhora demorou quanto tempo pra subir esse muro, pra deixar esse muro assim?

MLB: Oi?

MA: Esse muro assim... A senhora demorou quanto tempo pra deixar ele assim?

MLB: Ah, esse agora... Bonitinho assim eu fiz agora. (risos)

MA: Fez agora! Não, mas eu digo pra subir ele.

MLB: Hein? Ah, não... Foi logo no início que eu comprei.

MA: Foi logo no início?

MLB: Foi logo no início!

MA: Aham...

MLB: Eu já fui subindo tudo, fechando tudo...

MA: Aham...

MLB: Entendeu? Aqui era fechado, não tinha aquele portão, só tinha esse aqui, lá não tinha portão. Aqui era um canteiro que eu plantava remédio.

MA: Aqui?

MLB: É, aí dentro, onde tem esse pé de planta... Agora é pequenininho, entendeu?

MA: Aonde é que era o canteiro? Aqui, não é?

MLB: É, é esse canto aí, ainda tem o espaço, não é? Eu tirei a metade...

MA: Aham...

MLB: Que é pra poder fazer a obra...

MA: E aí era aberto, não é?

MLB: Não, é... Aqui...aqui era tudo aberto.

MA: Tudo aberto?!

MLB: É, aí eu fechei agora pra não ter comunicação com a outra pessoa.

MA: Entendi.

MLB: E nem eles comigo.

MA: Mas vem cá... Quando a senhora comprou essa casa... A senhora já planejava fazer essas obras todas ou a senhora foi pensando?

MLB: Não... Vivo pensando no que vai ser melhor. (risos)

MA: Entendi. Qual foi a primeira modificação que a senhora quis fazer aqui nessa casa?

MLB: A primeira modificação foi levantar muro.

MA: Por que?

MLB: Por causa disso, porque eu não gosto de pessoas invadindo a minha privacidade. Então ali tinha um botequim e o pessoal gostava de sentar no muro...

MA: Uhum...

MLB: Porque o meu muro é esse tijolo dobrado, é largo... Então sentava um monte de homem. Eu, pra não desfazer deles, então eu fiz isso, eu levantei o muro...

MA: Uhum...

MLB: Não é? Aí o menino também foi embora e agora eu fico mais tranquila aqui dentro.

MA: Entendi.

MLB: Agora eu estou esperando o menino trazer o novo portão pra botar aqui que vai ser todo fechado.

Mauro Amoroso: (fala inaudível)

MLB: Trocado!

MA: Aí...aqui dentro qual foi a outra coisa que a senhora modificou?

MLB: Modifiquei... Por exemplo eu fiz a... Separação aqui, a parede ali...

MA: Uhum...

MLB: Não é? Essa grade aí eu vou tirar fora e vou fazer outra, entendeu? Que eu não quero... Eu coloquei aquilo provisório pra não ter acesso, mas quando eu terminar essa obra aqui...ali...eu já vou mexer ali... Que eu não vou fechar tudo pra não abafar muito, entendeu?

MA: Entendi!

MLB: Mas eu vou fazer aquilo ali.

MA: A senhora então nunca vai parar de fazer obra na casa?

MLB: Só quando morrer!

MA: Isso aí! Vai mudando, não é?

MLB: (risos)

—
MA: A casa da senhora... A senhora acha que a casa da senhora é uma parte da senhora? Tá viva como a senhora?

MLB: Claro!!

MA: Vai mudando de ideia...

MLB: Eu vou mudar...eu estou sempre estudando. Até teve uma pessoa que falou assim: “A senhora devia ser uma engenheira”... [fala interrompida]

MA: Aham...

MLB: “...Porque você pensa, pratica a obra certinha, não dá nada errado.”

MA: Aham...

MLB: Porque aquela separação que eu fiz, o cara queria fazer de madeira, eu falei:

“Ah, eu não quero nada de madeira dentro da minha casa não! Eu vou fazer de alvenaria!” “E quando vai fazer isso?” Eu disse: “Vai embora daqui de casa!” Mande embora mesmo!!

Falei: “Vai embora que eu vou estudar. O dia que eu for estudar e ver o que eu vou fazer, eu te chamo de novo.” Aí quando ele voltou pra fazer a obra, ele veio e falou assim: “Tu é doida!”

Eu falei: “Sou, porque Deus me deu “doidura”!” (risos)

MA: Tá certo!

MLB: Não é? Porque a gente tem que planejar pras coisas dar certo. Essa praça aqui também não tinha, mas eu debatendo com a Prefeitura pedi pra fazer, porque isso aqui era no chão, era muito lixo. Eu falei: “Gente, a gente não pode viver no meio do lixo não. Nós temos que ter assim... Uma...uma vida melhor. Vocês querem fazer lixo, lixo, lixo. Não dá!” (risos)

LCB: Vamos entrar?

MLB: Vão entrar?

MA: É bom entrar por causa do barulho.

MLB: Ah, sim... E... Eu sei que então... Mas eu estou fazendo devagarzinho, tá vendo? Tudo separadinho, essa parte eu ainda tenho que fazer...óh... Tem uns buracos aí, mas já tem o material, tem tudo... Só estou esperando o portão, porque ele não pode terminar sem ter o portão, entendeu?

MA: E esse chão aqui? A senhora ...(final de fala inaudível)

MLB: Esse chão também...Ihh...esse já tem muito tempo, esse já tem uns 10 anos que eu fiz.

MA: É?

MLB: Agora...aqui é que eu fiz agora.

MA: Fez agora?

MLB: É. Essa parte não, só a parte de cima.

MA: Antes era como? Era terra?

MLB: Era terra, primeiro era terra.

MA: Era terra...

MLB: É.

MA: E aí dava problema quando chovia...

MLB: Uhh, Senhor! (risos) Aí eu botei só cimento...

MA: Uhum...

MLB: Não é? Aí eu falei: “Agora eu vou botar um piso.” E tô com vontade de trocar também esse piso.

MA: É mesmo? Por que?

MLB: Porque eu acho que tá feio. Tá feio! (risos)

MA: Tá feio e quer botar outro?

MLB: É. Vou terminar tudo e depois eu boto outro...boto em cima.

MA: E isso que a senhora tá guardando, são dos seus netinhos...

MLB: Ah, é daquele molequinho mesmo, esse aqui é o cavalo dele. É o boi, mas ele disse que é cavalo.

MA: (risos)

MLB: Aí ele monta aí, fica doidinho aí pulando no cavalo.

MA: A senhora veio pra cá, os teus filhos já estavam nascidos?

MLB: Já.

MA: Todos eles?

MLB: O...

MA: Hum...

MLB: O mais novo tinha 2 anos...

MA: Uhum...

MLB: E o outro tinha 4.

MA: Algumas dessas obras que a senhora pensou, a senhora pensou pra adaptar a casa pra eles algumas coisas?

MLB: Bom, eu pensei, mas eu falei: “Não, vocês tem que lutar pra ter o que é de vocês que vocês são homens...” Não é? Um consegui, a casa do lado é dele, entendeu? A casa grande, mas... Só Deus na causa e eu...

MA: Uhum...

—
MLB: Pra poder fazer a obra, porque ele não faz.

MA: Mas era o que? Era terreno e ele fez a casa ou ele comprou uma casa?

MLB: Não, ele comprou uma casa, mas nunca reformou. Uma casa boa, uma casa grande...

MA: Uhum...

MLB: Aí é lá que tem o aluguel, entendeu? Minha loja tá lá no terreno dele.

MA: Hum...entendi.

MLB: Entendeu? É muita luta...

Mauro Amoroso: Foi por isso que vocês compraram a casa, porque já era... O que que você comprou primeiro lá? A casa dele ou a sua loja?

MLB: Não, primeiro foi a casa dele.

MA: Aí lá fez a loja?

MLB: É, aí tava com o terreno lá desocupado e tava entrando muito bicho, aí eu falei pra ele: “Filho, faz um cômodo aqui... Ou você aluga...pra tirar essa “lixarada” daqui, não é?” Pode continuar falando?

Leandro Dittz: Pode.

MLB: Aí então ele falou: “Não vou fazer porcaria nenhuma não. A senhora inventa muita ideia.” Eu digo: “Vou fazer uma loja!” Fiz a loja! Agora ele fala pra mim: “Ah, a loja é minha”. Eu falei: “Quando eu morrer, eu te dou ela.”

MA: Tá certo. (risos)

MLB: “Porque quem gastou fui eu, não foi?”

MA: Claro!

MLB: “Você não quis. Como é que eu vou dar alguma coisa pra você?”

MA: Uhum...

MLB: A lojinha é bem arrumadinha, direitinha, entendeu? E quem aluga nunca quer sair, só sai por algum motivo muito sério, pelo contrário não sai. Esse menino mesmo... Pensei que ia sair, já tinha duas pessoas querendo. Eu falei: “Gente, eu não vou alugar uma coisa que tá alugada.” - “Ah, mas a moça disse que vai sair!” Eu digo: “Ela não vai sair! Se sair, eu te dou a preferência.” Já vieram várias pessoas falar comigo pensando que eu não queria alugar pra elas, mas eu não vou alugar uma coisa alugada. Eu já chamei ela, já conversei com ela: “Filha, eu não tenho nada contra você, eu gosto de você. Agora, eu não posso te alugar uma coisa que eu não tenho, a menina não vai sair.” – “Fala com ela!” Agora poucos dias veio uma falar: “Ah, quanto que a senhora tá alugando a loja?” Eu falei: “Que loja?” – “A dali.” Eu

falei: “Eu não tô alugando não. A moça continua lá, ela vai “ludificar” com o trabalho dela, não tenho nada com isso...que é uma boa inquilina.”... Ah, aqui eu procuro me dar com todos!

MA: Outra coisa... Por que que o segundo andar só sobe por ali?

MLB: É, meu filho... Tem a porta ali, tá vendo?

MA: Tá. Quando é que a senhora fez essa divisão pra não acessar mais por aqui?

MLB: Ah, já tem uns 10 anos que eu fiz essa divisão.

MA: 10 anos?

MLB: 10 anos!

MA: Porque lá em cima foi morar... Porque lá em cima tá morando hoje em dia...

MLB: É... Meu neto com a minha nora.

MA: Seu neto e a sua nora?!

MLB: É.

MA: E no 3º andar?

MLB: É tudo...é tudo deles. (risos)

Mauro Amoroso: Tudo deles. Tá. Porque...então... Aí antes ficava os dois... A senhora ficava nas duas casas?

MLB: Ficava em tudo.

MA: Aí a senhora fechou pra deixar eles morando lá?

MLB: É, porque eu achava o seguinte...porque eu já estou ficando velha, subir duas escadas, carregar as coisas lá pra cima, descer, porque aqui o pessoal me chama muito. Às vezes eu acabava de subir, me chamava, eu tinha que descer pra atender.

MA: Uhum...

MLB: Aí eu falei: “Não, tá muito difícil pra mim. Eu vou ficar num cantinho pequenininho, porque eu vou ter menos visita...”

MA: Uhum...

MLB: Porque a casa era cheia de visita, vinha pra dormir, passar final de semana, parecia um SPA. (risos)

MA: Uhum...

MLB: Aí eu cortei... Mas meu neto que mora aí em cima, ele mora aqui.

MA: Fica vindo pra cá, não é?

MLB: Hoje mesmo eu já expulsei ele. Eu falei: “Hoje eu não te quero. Vou ter visita.”

Aí ele disse: “Poxa, vó! Mas é o quê?” Eu falei: “Não te interessa! É o pessoal da igreja...vou ter uma reunião.”

MA: Quantos anos tem seu neto?

MLB: Fez 19 anos.

MA: Ah...

MLB: Ontem ele veio pra cá 07:00 da manhã...

MA: Hum...

MLB: Pedir bolo. (risos)

MA: (fala inaudível) (risos)

MLB: Não, mas sabe a hora que eu fiz o bolo dele? De noite?

MA: Ata!

MLB: (risos) Mas os outros tudo correndo....”Ihh”, hoje tem bolo, tem bolo, tem bolo, aniversário” Eu falei: “Não conta com esse bolo que é só dele!”

MA: Aham...

MLB: A gente chama ele de Gigante, porque ele é muito grande, não é? Aí eu falei:

“O bolo é do Gigante, não dá pra vocês não. Depois eu faço outro pra vocês.” – “Ah, mas a gente queria desse.” Aí eu falei: “Mas não vai dar.” Aí quando ele chegou, bateram palma, cantaram parabéns pra ele e ele não deu a menor confiança... Passou a mão no bolo. (risos) Eu falei: “Hei, tá vendo? Vocês não vão comer o bolo.” Disse: “Poxa, mas ele é tão ruim, não é?” Eu falei: “Fazer o que, meu amor? É dele.”

MA: Vai mostrando mais a casa pra gente, vai mostrando quais obras que a senhora fez, o porquê que a senhora fez, o que que você mudou...

MLB: Não, aqui eu fiz... Por exemplo... isso tudo aqui era área descoberta, certo?

MA: Hum...

MLB: Aí primeiro eu fiz dessa parte pra cá, porque eu queria um tanque fora da chuva, não é? Porque aqui é aonde eu lavo a roupa, não é? E é um espaçozinho legal, não é? Eu botei azulejo na cozinha que não tinha que era parede.

MA: Era parede?

Era parede. Então eu botei o piso, troquei, porque era cimento e tinha um piso, Mas o piso... Estourou...

MA: Uhum...

MLB: Aí eu coloquei esse piso... E modifiquei porta também que a porta era de madeira, eu coloquei essas de... Alumínio, entendeu? Essa parte aqui... ali dentro... Aqui não tinha esse basculante e eu coloquei.

MA: Uhum...

MLB: Agora eu falei com o cara. Eu falei: “Poxa, você é um engenheiro ou é o que na vida”? Que esse planejamento dessa casa tá errado...

MA: Aham...

MLB: Quando eu comprei, eu falei pra ele, porque o banheiro tinha que ser aqui.

MA: Sim...

MLB: Porque tinha ventilação, tinha tudo, só era fechado... ele não botou, quem colocou fui eu, não é? E a cozinha era toda pra lá. Isso aqui é uma cozinha, filho?

MA: [riso]

MLB: É um L. Não dá arrumação, é muito apertado, entendeu? Tinha que ter espaço a cozinha, a cozinha tinha que ser pra lá.

MA: Uhum...

MLB: Ficava um banheiro bom aqui, não é? Podia botar a entrada pra aqui, porque entrada de banheiro não pode ser próximo a alimentação, não é? Porque ali já tá errado, mas não tem outro lugar. Porque eu não gosto das coisas assim não, gosto de tudo bem planejado, entendeu? Aí eles falam assim: “Ah, a senhora é muito detalhista!” É detalhe? Não! É coisa certa, não é? Porque pessoa pra fazer as coisas tem que primeiro pensar pra depois fazer. É igual aquela separação ali óh...

MA: Mostra pra gente o quarto.

MLB: Entendeu? Aqui era uma sala grande, não é? Porque não tinha a entrada lá que tinha duas janelas de frente, não é? Foi quando eu eliminei todas as duas janelas, entendeu?

Aqui era a subida da escada, lá no cantinho...

MA: Sim...

MLB: Não é? Então isso aqui era uma sala boa...

MA: Uhum...

MLB: A porta de entrada era aqui...

MA: Sim...

MLB: Tinha duas entradas, agora não tem mais, é uma só. (risos)

MA: Por que que a senhora mudou a porta de entrada? Tirou...quando é que...

MLB: Quando eu fiz essa separação aqui.

MA: Uhum... Aí é que a senhora... Mas a senhora fez esse aqui já quando foi separar lá pra cima, não é?

MLB: Foi, que era pra fazer o hall de entrada.

MA: Hum...

MLB: Não é? Que eu já saía na escada e subia. Falaram: “Ah, faz pra rua.” Eu falei: “Não! Eu vou fazer dentro de casa, não vou fazer porta pra sair já na rua não.”

MA: Uhum...

MLB: Aí é onde eu fiz esse esquema aí e deu certo... E tirei a janela dali e tirei a porta daqui.

MA: Aham...

MLB: Pra ter esse janelão aqui...

MA: Aham...

MLB: Eu acho que ficou bem melhor.

MA: E tudo isso pra adaptar também pra ficar lá em cima pros seus netos.

MLB: Pra ficar lá em cima. Exatamente! Ah, e essa daqui eu dei pro meu bisneto.

MA: Uhum...

MLB: Falei pra ele: “Agora você tem sua casinha. Quando a bisa falecer...” “Aí ele fala assim mesmo: “Mas você não vai morrer!!” Eu falei: “Vou ficar eterna!” (risos) Que ele fala assim: “Eu não quero que você morra não, bisa. Você é tão bacana, tão legal comigo. Não morre não!” Eu falei: “Tá. Vamos ver até quando Deus vai me segurar.”

MA: Entendi. E...o 3º andar a senhora fez quando?

Ah, eu fiz bem depois, não é? Eu fui fazendo devagarzinho, porque eu fiz o muro Lá em cima que era laje, não é?

MA: Sim...

MLB: E aí eu peguei, fiz o muro, aí fiz uma meia cobertura de telha também que era pras crianças...fazer festa, as crianças brincar, essas coisas toda, tinha balanço, tinha tudo lá em cima...

MA: Uhum...

MLB: Porque tinha essa menina aí...eu criei ela com 1 ano e 4 meses...

MA: Uhum...

MLB: Entendeu? Ela veio pra minha casa e não quis ir embora. Cismou, ficou, ficou...

MA: (fala inaudível)

MLB: É... Hein? Largou a mãe. Ela morava com a mãe e com a tia, mas ela vinha muito na minha casa, aí ela chegava aqui, só saía dormindo...

MA: Uhum...

MLB: Porque acordada eles não conseguiam levar a menina, porque ela chorava muito. Eu falei: “Então deixa ela aí.” E a menina ficou, não é? Até ficar moça, casou. Eu sou a madrinha de batismo e de casamento dela, entendeu? Eu sou tudo dela. Que ela falou: “Você é tudo minha, você é pai, você é mãe, você é vó, você é tia, você é tudo que você que me deu vida.” Eu falei: “Eu não, filha. Quem deu vida a você foi teu Deus que Deus é que dá a vida, a gente cuida.”

MA: Aham...

MLB: Até hoje ela morre de ciúme, porque eu moro aqui e ela mora em São Paulo.

MA: Nossa!

MLB: E ela quer que eu vá embora pra São Paulo. Aí eu vou embora pra São Paulo...é, aí eu vou embora pra São Paulo e aqui começa a briga daqui. Menino quebra a perna, menino tá doente, menino tá internado que eu tenho que voltar...

MA: Uhum...

MLB: Entendeu? E eu fico naquela agonia, aí eu falei: “Ah, agora quando eu viajar, não vou dizer mais pra onde vou.”

MA: (risos) Claro! Isso aí! Tá certa!

MLB: Vou sair ca-la-di-nha! Eu falei: “Vou anoitecer lá, vou amanhecer...” (fala interrompida)

MA: Mas aí no 3º andar a senhora fez essa parte primeiro pras crianças, e depois?

MLB: Não, aí depois eu resolvi então fazer o seguinte...quando eu falei que ia fazer essa divisão, não é? Aí eu fiz a cozinha lá em cima, fiz a... Fiz o... Fechei o terraço, fiz uma casa.

MA: Mas por que a senhora resolveu fazer uma casa lá em cima no 3º andar?

MLB: Exatamente pra poder dividir a casa...

MA: Uhum...

MLB: Porque tinha que ter uma cozinha...

MA: Uhum...

MLB: Tinha que ter banheiro, entendeu? A área de serviço...lá tem tudo.

MA: Entendi.

MLB: Então o pessoal vem e fala assim: “A senhora é maluca, não é? Como é que faz a cozinha no último andar?”

MA: Uhum...

MLB: Eu falei: “Gente, a gente faz onde tem terreno, aonde pode ser feito. Não...isso não é loucura não, isso é comodidade.” Lá é muito bom o espaço lá de cima, entendeu? Aqui não...aqui ficou um pouquinho apertado, mas tá bom, pra mim tá ótimo!

MA: Uhum...

MLB: Tô satisfeita!

MA: Entendi. Agora já arranjou casa pra família agora, não é?

MLB: Claro, não é?! Aí eu já fico despreocupada, não é?

MA: Sim!

MLB: Ah, é... Estou te devendo um negócio. Quer ver... Ele não lembra mais não, mas eu não esqueci não, tá?

MA: O que?

MLB: O que? O que você tinha me pedido pra ver? Hein? Tu lembra? Tá vendo? É um esquecido aqui. (risos) Não fala não!

MA: Esqueci...

MLB: Não fala não, não fala não! Quebra a cabeça, meu anjinho...

MA: Ihh... (final de fala inaudível)

MLB: Ihh... Essa cabeça tá ruim, hein.

MA: Pouquinho...

MLB: É o papel, garoto!

MA: Ahh...sim. Isso aí a gente vê depois.

MLB: Ahh, pensei que você tinha esquecido. Olha que ele esqueceu e tá dando desculpa que é depois. (risos) (ao mesmo tempo)

MA: Meninos?

LCB: Fala.

MA: (fala inaudível e ao mesmo tempo)